

# A CONCEPÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA EM CRÍTICA CULTURAL A PARTIR DA VISÃO DE TEÓRICOS DO MÉTODO CIENTÍFICO

Marleide Lima de Brito Sousa<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de um ensaio sobre a perspectiva do pesquisador em Crítica Cultural. O objetivo desse trabalho é discutir a concepção do método a partir da visão de teóricos como Bachelard (1996) e Deleuze & Guattari (1995), onde o primeiro propõe desaprender das epistemologias enraizadas e os segundos sugerem a realização de rizomas de conhecimentos desconsiderando o saber arborescente. A partir das epistemologias desses referidos teóricos será apresentada a proposta da pesquisa sobre o Ensino da História e Cultura indígena no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito. A concepção do método desse objeto de pesquisa será apresentada a partir dos métodos de Bachelard (1996) em o Plano da Obra e Deleuze & Guattari (1995) em Mil Platôs no que tange a introdução que se refere ao Rizoma, assim como o perfil do pesquisador em Crítica Cultural.

*Palavras-Chave:* Crítica Cultural. Método Científico. Perfil do Pesquisador.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa científica tem desde os seus primórdios diversos entraves para a sua concretização. A discussão que muitos teóricos trazem na contemporaneidade desperta o pesquisador para o “desaprender” as verdades adquiridas ao longo de sua caminhada. A possibilidade de “reconstruir-se” é o desafio do momento para a pesquisa científica.

A escrita discursiva que será feita na primeira seção desse trabalho gira em torno de dois teóricos que são de grande

---

<sup>1</sup> Licenciada em História (UNEB). Especialista em História Política (UNEB). Mestranda em Crítica Cultural pelo Programa Pós Crítica (UNEB).

relevância para a produção científica e para a Epistemologia na atualidade são eles: Gaston Bachelard (1996), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995).

A proposta da segunda seção será a exposição do objeto de pesquisa numa trilha de perguntas e respostas baseadas nas visões teóricas de Bachelard (1996), Deleuze e Guattari (1995), além de outros teóricos que fundamentam essa pesquisa numa expectativa de nortear o percurso da concepção do objeto de pesquisa em Crítica Cultural.

## **CONTRIBUIÇÕES DE GASTON BACHELARD, GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA**

Gaston Bachelard foi professor, filósofo, crítico, cientista e poeta francês. Lecionou em importantes faculdades tais como: Dijon e Sorbone. Em 1955 ingressou na Academia das Ciências Morais e Políticas da França. Trouxe grandes contribuições à Psicologia Clínica e a Fenomenologia. Seu primeiro livro foi *Ensaio Sobre o Conhecimento Aproximado* (1928) e seu livro mais famoso foi *O Novo espírito Científico* (1934). Alguns teóricos favoreceram o trabalho de Bachelard: Kant, Émile Meyerson, Albert Einstein dentre outros.

O filósofo Gaston Bachelard (1996) faz uma discussão em torno da Epistemologia que é, na verdade, uma reviravolta na construção do conhecimento, um enfrentamento ao “obstáculo epistemológico”. A ciência tem os seus obstáculos e cabe ao pesquisador desmontá-lo e superá-lo. O cerne de seu trabalho a respeito da *Noção de um obstáculo epistemológico — Plano da obra* que faz parte do livro *A formação do espírito científico* denota uma experiência na “Psicanálise para a libertação do espírito científico” que muitas vezes fica aprisionado aos preconceitos e saberes prévios do pesquisador que o impede em diversas situações de ultrapassar as suas pseudoverdades.

No primeiro momento, Bachelard (1996) traz uma inquietação sobre a suposta “velhice” do espírito científico que acontece quando o pesquisador se coloca enquanto “conhecedor” ou um certo “juiz” de uma suposta verdade. O contraponto bachelardiano é um “rejuvenescer” do espírito científico na arte de construir o conhecimento.

A proposta de Bachelard (1996) para o epistemólogo, é a capacidade de elencar os problemas que se deseja pesquisar, ou seja, toda pesquisa traz consigo uma suposta resposta para um determinado questionamento, pois sem uma pergunta prévia o conhecimento não faria sentido, a pesquisa seria invalidada. A importância dessa pergunta seria a resolução das inquietações da pesquisa científica. O problema trazido pelo autor é a incapacidade do pesquisador em se “desprender” das suas verdades e, tal comportamento, travaria a pesquisa. Dessa feita, a argumentação de Bachelard (1996) é pautada na perspectiva do “desprender” as “verdades” aprendidas ao longo da trajetória do pesquisador.

Gaston Bachelard (1996) salienta que a pesquisa não se concretizaria com uma mera opinião. Advertindo que seria necessário para a pesquisa científica transpor o senso comum e invadir o conhecimento. A “libertação do espírito científico” emerge quando o pesquisador deseja saber para melhor questionar: *“Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado.”* (BACHELARD, 1996, p. 18).

Bachelard (1996) enfatiza que só com os olhos da atualidade o epistemólogo conseguiria enxergar os erros do passado. Na sequência, o autor compara o olhar do historiador da ciência e do epistemólogo relatando que o historiador ficaria preso às ideias enquanto fato ao longo do tempo já o epistemólogo enxerga aí o “obstáculo” ou o “contra-

pensamento”, por entender que “os fatos são ideias num certo sistema de pensamento”.

Um destaque trazido por Bachelard (1996), nesse campo do “obstáculo epistemológico”, é o “obstáculo pedagógico”. Esse “obstáculo” consiste no domínio do conhecimento por parte do professor que em sua trajetória enquanto educador não se desvencilha do seu método pedagógico por se considerar o “mestre” e como tal, não precisaria “reaprender” e nem muito menos “desaprender” certas verdades. Posicionando-se num patamar de contínuo sucesso e não de possível fracasso. Gaston Bachelard (1996) sugere que “detectar os obstáculos epistemológicos é um passo para fundamentar os rudimentos da psicanálise da razão”.

A proposta de Bachelard (1996) é um plano de orientação de estudo no qual esses “obstáculos epistemológicos” podem ser vencidos. O primeiro passo seria a capacidade de caracterizar o obstáculo levando em conta a “ruptura e não continuidade”, entre a observação e a experimentação. Outro passo importante é sobre a atividade científica. Na prática dessa atividade, o pesquisador precisaria “criticar” o fenômeno dos outros a partir do seu próprio fenômeno. Na sequência, o autor refuta o “substancialismo” que ele considera uma monotonia à explicação da substância.

No capítulo *A noção de um obstáculo epistemológico — Plano da obra* do livro *A formação do espírito científico*, Bachelard (1996) propõe uma “Psicanálise para a libertação do espírito científico” dos falsos valores que prejudicam o pensamento científico.

Partindo desse pressuposto, Bachelard (1996) acreditava que estaria contribuindo para a “moralização da ciência”. O sentido desse texto é a quebra do “obstáculo epistemológico” num constante exercício de se “refazer” a partir das verdades apresentadas ou adquiridas num contínuo trabalho de perguntas

as inquietações do problema da pesquisa científica. O parecer bachelardiano é favorável à crítica e ao ser criticado por parte de outros pesquisadores, mas para isso acontecer é necessário a realização da “Psicanálise para a libertação do espírito científico”.

Na contemporaneidade, os métodos científicos de Bachelard, Guattari e Deleuze são imprescindíveis para a construção do conhecimento na pesquisa científica. Até então, as ideias bachelardianas sobre o método científico foram apresentadas neste trabalho. Na sequência, serão expostas as ideias de Félix Guattari e Gilles Deleuze a respeito do método científico.

Gilles Deleuze era filósofo e professor francês escreveu diversos livros tais como: *Nietzsche e a filosofia* (1962), *Filosofia crítica de Kant* (1963), dentre outros e com Félix Guattari, que era militante político, filósofo e psicanalista francês, escreveu *O Anti-Édipo* (1972), *Mil platôs* (1980) e outras obras. Gilles Deleuze dialoga com as ideias de alguns teóricos: Nietzsche, Espinoza, Bergson, Hume, Kant, Foucault e outros, enquanto que Félix Guattari inspirou-se nas obras de: Karl Marx, Nietzsche, Freud, Jacques Lacan, Frantz Fanon e outros. Esses filósofos, Deleuze e Guattari, contribuíram e contribuem significativamente para a ciência, ambos colaboraram para a ascensão do Pós-estruturalismo no século XX e na atualidade, século XXI.

Um destaque trazido por Bachelard (1996), nesse campo do “obstáculo epistemológico”, é o “obstáculo pedagógico”. Esse “obstáculo” consiste no domínio do conhecimento por parte do professor que em sua trajetória enquanto educador não se desvencilha do seu método pedagógico por se considerar o “mestre” e como tal, não precisaria “reaprender” e nem muito menos “desaprender” certas verdades. Posicionando-se num patamar de contínuo sucesso e não de possível fracasso. Gaston Bachelard (1996) sugere que “detectar os obstáculos

epistemológicos é um passo para fundamentar os rudimentos da psicanálise da razão”.

Deleuze e Guattari (1995) criticam a Psicanálise e a Linguística por aplicarem o “decalque” em suas pesquisas (inconsciente e língua) e ressaltam a rejeição ao “pensamento arborescente” mostrando-se favoráveis ao “pensamento rizomático” destacando que o rizoma se estabelece apenas por quebras ou rupturas em suas linhas de fuga, mas também, por conexões ao meio das questões, o rizoma é composto de platôs que não tem nem início e nem fim. O rizoma está sempre no meio num emaranhado de conexões e de rupturas, sempre circulando, sem estrutura, sem hierarquias, com múltiplas entradas e saídas com suas linhas de fuga.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) convidam o leitor para fazer rizoma de conhecimento. Salientam o quanto é admirável para o indivíduo fazer rizoma enquanto Epistemologia, orientam o pesquisador a ser “multiplicidade” e não unidade, valorizam metaforicamente o “mapa” por suas múltiplas entradas e saídas e rejeitam o “decalque” por reproduzir uma estrutura já estabelecida — pensamento arborescente. Fazer rizoma, na visão desses autores, é estabelecer alianças, é se manter no meio, onde a velocidade ganha força, é ser multiplicidades!

Os textos de Bachelard (1996), Guattari e Deleuze (1995), incitam a reflexão sobre o papel do pesquisador enquanto transformador da estrutura hierarquizada da Ciência na atualidade. Gaston Bachelard (1996) desperta o leitor à realização da “Psicanálise para a libertação do espírito científico”, é uma sugestão de “reaprender” as verdades propostas pela ciência num exercício ininterrupto de questionamentos referentes as inquietações do problema da pesquisa científica, numa atitude de superação ou enfrentamento ao “obstáculo epistemológico”.

Apesar de Bachelard (1996) propor a “Psicanálise para a libertação do espírito científico”, Gilles Deleuze e Félix Guattari

(1995) se contrapõem a Psicanálise porque essa ciência trabalha com “decalques” do inconsciente. A visão do Rizoma, proposta por esses autores, vislumbra o campo da multiplicidade, eles utilizam a simbologia do “mapa” para demonstrar as multiplicidades de caminhos que o pesquisador pode utilizar na investigação científica. A “multiplicidade” sugerida por Deleuze e Guattari (1995) inaugura uma inovação no método científico na contemporaneidade.

A perspectiva científica do Programa Pós Crítica se encontra na visão de Deleuze e Guattari (1995) e de certa forma, na visão de Gaston Bachelard, mas o programa agrega outros teóricos a exemplo de Nietzsche dentre outros teóricos. A visão desse programa é fomentar no pesquisador “linhas de fuga” das normatizações da pesquisa científica, numa atitude de quebras de paradigmas propiciando ao pesquisador uma certa liberdade para a investigação científica no intuito de superar o “obstáculo epistemológico”. Diante do exposto, nasce o objeto de pesquisa em crítica cultural “O ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)”.

### **CONCEPÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA EM CRÍTICA CULTURAL “O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA EM ALAGOINHAS (BA)”**

*O que é o Ensino da História e cultura indígena em Alagoinhas (BA)?*

D1— Uma investigação que visa identificar o cumprimento ou não de um dos recortes da lei 11.645/08 no que tange a questão indígena.

D2— Uma possibilidade de conhecimento de um dos povos que fizeram parte da construção da História de Alagoinhas (BA), os povos indígenas, dando-lhes uma certa visibilidade e solidariedade enquanto participantes dessa história.

D3— Uma sugestão de aporte teórico para docentes da Educação Básica em Alagoinhas (BA) relacionado ao ensino de História e Cultura indígena dessa localidade.

D4— Um “grito” de um dos povos excluídos (indígenas) da história tradicional de Alagoinhas (BA).

*Como é o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)?*

**Em relação à definição 1:**

A legislação 11.645/08 é favorável ao ensino da história e cultura indígena em uma de suas partes, no entanto será que essa lei tem sido aplicada/executada nas salas de aula em Alagoinhas (BA)? Teóricos como Paulo Freire (1998), Brian Street (2014) e Gaston Bachelard (1996) sugestionam uma pesquisa com o olhar na formação do professor e na contextualização dos conhecimentos formais com os conhecimentos informais que os alunos possuem de seus meios sociais.

**Em relação à definição 2:**

Questionando a “história vista de cima”, dos grandes eventos e das grandes figuras, ou seja, rompendo com história patriarcal de Alagoinhas (BA) que pouco se fala sobre os construtores “invisíveis” (Indígenas), ou seja, uma “história vista de baixo” baseada na visão de Peter Burke (1992). É um romper da visão arborescente de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), uma proposta de multiplicidade da história local.

**Em relação à definição 3:**

Construindo conhecimento a partir da pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias sobre o ensino da história e cultura indígena em Alagoinhas (BA) bem como, entrevistas de inspiração etnográfica com professores, estudantes e membros da comunidade para que esses saberes alcancem as bibliotecas e as salas de aulas da Educação Básica desse município. Possibilitando ao educador uma proposta de um aporte teórico para a sua prática docente, sendo favorável ao



pensamento de Perrenoud (2002) no que tange a formação de professores e ao pensamento de Gaston Bachelard (1996) sobre a revisão do método do professor para se superar o “obstáculo pedagógico”.

#### **Em relação à definição 4:**

Ouvindo as vozes dos “silenciados” pela história tradicional e patriarcal de Alagoins (BA), procurando as “linhas de fuga” dessa estrutura hierarquizada e arborescente para buscar um pensamento rizomático enfatizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) onde o que importa é ser multiplicidades em detrimento do uno ou da unidade. Ampliando o olhar para outros “autores” da história alagoins que foram desfavorecidos ao longo do tempo. Possibilitando dessa feita, a visibilidade desses povos indígenas numa perspectiva de solidariedade à esses “excluídos” da narrativa histórica do município de Alagoins (BA).

#### **Por que é o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoins (BA)?**

O que motivou a pesquisa em torno da questão indígena em Alagoins (BA)? De que forma esse interesse pode ser útil para a Educação Básica? O que justifica esse estudo?

1) A lei 11. 645/08 existe há 12 anos, o conteúdo dessa legislação evidencia a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana bem como a história e cultura indígena presentes no Brasil. O recorte dessa lei para essa pesquisa é a questão indígena. Diante disso, surge a necessidade e a “curiosidade” de se investigar a aplicabilidade ou não dessa lei em classes do Ensino Médio do Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito em Alagoins (BA).

2) Por que não conhecer, “reaprender” (BACHELARD, 1995, p. 20) e discutir a história e a cultura dos povos indígenas em Alagoins (BA)? Pesquisar e estudar um pouco mais os autores da história de Alagoins (BA), os indígenas, surge como uma

necessidade de reconhecimento a esses povos que deixaram nessa localidade os seus saberes e fazeres que são visíveis no cotidiano dessa cidade tais como: o cultivo e transformação da mandioca em produtos, dentre outras heranças culturais, geográficas, linguísticas e antropológicas. Diante de algumas inquietações da minha formação na Educação Básica e na Educação Superior juntamente com as minhas vivências e experiências pessoais e profissionais na Educação Básica foi perceptível essa “lacuna” na história local e é nessa “linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 6) buscando respostas sobre o ensino da história e cultura indígena (BACHELARD, 1996, p. 18) que essa pesquisa se configura.

3) Algumas fragilidades da Educação Básica emergem da falta de conhecimento de certos aspectos da ciência das humanidades haja vista a amplitude dessa ciência. A Universidade, por sua vez, envereda pela mesma via de “espaçamentos” e “vazios” na formação de seus estudantes para tanto, é imprescindível procurar “linhas de fugas” para essa “estrutura arborescente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11). Assim sendo, a busca rizomática por conhecimento surge como uma “saída” para se combater esse perfil arborescente da história local que, em muitas contextualizações, não contemplam as matrizes não europeias em sua narrativa histórica. Portanto, oportunizar um aporte teórico para professores da Educação Básica emerge da necessidade de possibilitar um certo e tímido preenchimento de uma das “lacunas” que talvez, esse professor tenha desde a sua formação acadêmica até a sua prática docente e uma vez em sala de aula, a multiplicidade desse conhecimento seria evidente.

4) A história patriarcal, oriunda da presença europeia, faz parte da história dos povos da América e de outros continentes. A leitura da história oficial desses povos sobrevém a ideia de que as suas matrizes (indígena e africana) não possuíam história e nem cultura, aparecem, em muitos registros, como subversivos,

rebeldes, selvagens e sem cultura (RÊGO, 2013, p. 48) onde o papel do colonizador seria indispensável para se “corrigir” tais falhas de “civilização”. O ensino da História e Cultura indígena justifica-se como uma espécie de “grito” dos oprimidos e invisíveis da narrativa histórica alagoinhense dando aos Tapuios do Saco ou Saco dos Tapuios e Aramarizes (SOARES, 2016, p. 5) uma certa “voz” para contar um pouco da sua história e de sua cultura em Alagoinhas (BA).

### **Para que o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)?**

01: Investigar as vivências dos professores de História com os seus estudantes a partir da temática indígena no município de Alagoinhas (BA) averiguando a aplicabilidade ou não da lei 11.645/08

02: Identificar, em documentos e materiais utilizados por docentes, indicadores da aplicabilidade da Lei 11.645/08 no que tange a questão indígena;

03: Pesquisar em fontes primárias e secundárias a presença indígena no município de Alagoinhas (BA).

04: Oportunizar um aporte teórico para professores e estudantes da Educação Básica bem como, para todos os interessados, da comunidade alagoinhense ou não, no ensino da história e da cultura indígena em Alagoinhas (BA).

### **Onde é o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)?**

A pesquisa sobre o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA) aconteceria em espaços reservados para a pesquisa, ou seja, na escola com a observação das aulas de História desde os planos escritos até as aulas propriamente ditas, na Universidade e na comunidade onde o passado das vivências dos indígenas se fazem presentes no cotidiano das pessoas para coleta de dados, assim como nos escritos (Fontes primárias e

secundárias — tipo estado da Arte) sobre a história e a cultura desses povos em Alagoinhas (BA).

### **Quando é o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)?**

No tempo destinado pelo programa (2 anos) para a pesquisa somado as leituras e as entrevistas sobre a temática proposta culminando na escrita do Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA). Visando desenvolver ações que colaborem para a construção de uma certa visibilidade dos povos indígenas na história desse município, tal como uma proposta de um aporte teórico para a prática docente na Educação Básica.

### **Quem que é o Ensino da História e Cultura indígena em Alagoinhas (BA)?**

Uma pesquisa que propõe uma investigação sobre o ensino da História e da Cultura indígena em Alagoinhas (BA) sugerindo uma releitura da história local contrapondo-se a História tradicional de perfil patriarcal e elitista. A pesquisa será construída na Universidade para, de certa forma, atingir a Educação Básica reconstruindo criticamente aquilo que ficou a cargo da História Oficial desse município.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) atrai o pesquisador a ser “multiplicidade”, para isso eles utilizam e sugerem a cartografia como método científico enquanto que Gaston Bachelard (1996) propõe o “obstáculo epistemológico” como método que é, na verdade, um “contra-pensamento” para se resolver as inquietações da pesquisa científica. O objeto dessa investigação científica se fortalece com a proposta teórica desses autores e do Programa Pós-Crítica. A “linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 6) desse trabalho é buscar respostas (BACHELARD, 1996, p. 18) para o Ensino da História e da Cultura indígena em Alagoinhas (BA) conjecturando um novo olhar para a

história desse município na perspectiva de alcançar a Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma Psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARROS, Salomão. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador: Artes Gráficas, 1979.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *Hemeroteca Digital*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 1 fev. 2021.

BRASIL. *Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e o seu futuro. In: (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PERRENOUD, Philippe et al. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe et al. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993.

REGO, André de Almeida. Deslocamentos espaciais de índios nas aldeias e vilas indígenas da Bahia do século XIX. *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.2, n. 4 jan-jun 2013. p. 48-67.

SOARES, Ede Carlos de Assis. Proposta de Intervenção Pedagógica: Trajetórias dos povos indígenas na Região de Alagoinhas-Como inserir a temática no currículo escolar-Jornada Pedagógica, Alagoinhas (BA), GEPEA, 2016.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.